



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**“SER PAI NÃO É SER CARTÃO DE CRÉDITO!”:  
CONGRUÊNCIAS ENTRE AFETIVIDADE E PATERNIDADE NO  
CONTEXTO ESCOLAR DO ADOLESCENTE**

Cíntia Barros de Abreu

*Faculdade Frassinetti do Recife - [cba.barros@hotmail.com](mailto:cba.barros@hotmail.com)*

**RESUMO**

Esta pesquisa versa sobre a adolescência e tem por finalidade investigar como a afetividade da função paterna pode vir a interferir os adolescentes em contextos escolares. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como metodologia e a Psicologia foi utilizada como sustentação atuando como elemento norteador do estudo em questão. A partir disso, buscou contextualizar o conceito de adolescência, procurando estabelecer uma articulação entre os aspectos psíquico, sexual e social desta fase, juntamente com o panorama do adolescente contemporâneo. Foi debatida a afetividade, a função paterna e a(s) congruência(s) dessas relações na educação dos adolescentes. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a reflexão acerca da paternidade na vida escolar dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Adolescência, Afetividade, Função paterna, Contexto escolar.

**INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa se propôs a averiguar cientificamente a frase impactante “*ser pai não é ser cartão de crédito!*” dita por um adolescente do sexo masculino de 16 anos, classe média.

A partir da apreciação da frase, foi percebido que a chamada realizada pelo jovem revela o desamparo afetivo que vivencia; ao mesmo tempo em que cobra a presença paterna, clama por afeto, descartando a prioridade materialista fornecida pelo pai. Frente à curiosidade de compreender teoricamente este impasse, surgiu o interesse de refleti-lo, a fim de obter esclarecimentos das nuances que permeiam o universo adolescente no âmbito da afetividade, da função paterna e suas possíveis influências nos contextos escolares desses jovens.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Inicialmente a discussão remeteu aos caminhos da adolescência, isto é, foi resgatado o “surgimento” da adolescência no contexto sócio-histórico objetivando compreender seu sentido ao longo da história, em seguida, foi abordada a contribuição de alguns autores tais como Aberastury e Freud que se debruçaram sobre os aspectos psíquico, sexual e social desta fase e realizou-se também um panorama sobre o adolescente hoje e sua roupagem assumida na contemporaneidade.

No segundo momento, ganhou destaque a função paterna e sua falência através do aporte teórico da Psicanálise e, em seguida, as argumentações se voltaram à afetividade pelos olhares de Piaget e Wallon para, posteriormente, se debruçar na questão do dar material que vem sendo sobreposto ao dar afetivo.

Por fim, no terceiro momento, a discussão foi pautada na averiguação da(s) congruência(s) nas relações entre afetividade e paternidade no contexto escolar do adolescente.

O objeto de estudo presente recaiu sobre a adolescência e foi delineado como objetivo maior, a investigação de como a afetividade da função paterna pode vir a influenciar os adolescentes em contextos escolares. Como metodologia foi realizada a pesquisa bibliográfica que perpassaram às temáticas da adolescência, função paterna e afetividade.

### **1 – PELOS TRILHOS DA ADOLESCÊNCIA**

A reflexão acerca da adolescência perpassa por uma viagem da qual se cria expectativas, ansiedades, preparam-se as malas, mas não se sabe como esta viagem será vivenciada, se as programações do roteiro serão cumpridas ou frustradas, ou até quando durará.

É dado agora o convite a embarcar nesta viagem!

A visibilidade dos fenômenos sociais e culturais requer tempo histórico para serem desabrochadas, assim ocorreu com a adolescência. Foi na segunda metade do século XIX que a adolescência passou a ser reconhecida de fato. Foram criados os primeiros serviços de saúde



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

voltados aos estudantes dos internatos devido à preocupação com o amadurecimento biológico, comportamento e transformações sexuais dos adolescentes.

Com o tempo, o adolescente então conseguiu se firmar na sociedade garantindo sua sustentação e respeito dos demais. Alguns autores da Psicologia se destacaram ao deterem seus estudos nesta fase, Aberastury (1992) é uma delas, e vem acrescentar que determinados comportamentos que são considerados patológicos em outras fases de desenvolvimento humano, entretanto, podem ser relativizado na adolescência, tomando conotação de normalidade, uma vez que alguns comportamentos já são características desta fase. Erik Erikson (1972) sugeriu a Teoria Psicossocial onde enfatiza o ambiente como participativo na construção da personalidade do sujeito adolescente.

As práticas e características sexuais de mudanças corporais são desenvolvidas em idades distintas. Estas variações de idades e momentos podem propiciar angústias em alguns adolescentes, uma vez que é estabelecida uma cobrança social para que todos se desenvolvam no mesmo tempo que seu grupo de pertença. Para a psicanálise, estas variações corporais estariam interligadas ao luto pelo corpo e pela identidade infantil no plano psíquico. (ABERASTURY, 1983). Para Nasio (2011), o luto “é um tempo, o tempo necessário para aceitar conviver com essa ausência definitiva daquele que amamos e que acabamos de perder.” (p.50). Congregando ao conceito do autor, seria a aceitação da ausência e perda da infância.

Como visto, é justamente na adolescência que a maturidade genital é atingida e, ainda neste período, é iniciada a busca do objeto de amor no mundo externo. Salienta-se que Aberastury (1983) enfatiza que este movimento só será possível se houver o desprendimento interno do jovem com seus pais. Se assim for conseguido, o jovem será lançado ao desprendimento, podendo desencadear com isso, confusões, contradições e ambivalência, sendo este momento de *lançar-se ao novo*, à adolescência, um processo por vezes doloroso, podendo ser caracterizado também por nuances familiares e sociais.

Para o adolescente firmar sua independência, os pais assumem forte importância neste processo, uma vez que, deverá ser possibilitado por eles o desprendimento da roupagem infantil, anteriormente assumida por seus filhos e assumirem posturas facilitadoras que



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

propiciem aos jovens tomadas de decisões seguras, evitando que se tornem adultos sem autonomia, passivos e inseguros.

É esperado que os adolescentes se afinem a grupos de interesses comuns. Segundo Oliveira; Camilo (2003), as tribos urbanas possuem grande importância na fase da adolescência, pois implicam em contextos de desenvolvimento. Inseridos no grupo, os adolescentes são menos exigidos e ganham oportunidades de firmar seus sentimentos e perspectivas de mundo, e são acolhidos pela identificação, compreensão e aceitação do grupo.

Outro fator que marca a época atual é a contemporização da adolescência. Mas, afinal, o que marca o fim da adolescência? Calligaris (2011) propõe esta reflexão e afirma que esta definição fica em aberto, pois, não existe uma competência concreta que defina o adulto. Acrescenta que “como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto.” (p.21). Talvez isso seja um dos fatores que justifiquem a quantidade crescente de *adulcentes* contemporâneos.

## 2 – A EDUCAÇÃO À LUZ DA AFETIVIDADE E DA PATERNIDADE

A contemporaneidade se configurou de modo em que a ausência do pai na convivência com os filhos está se tornando cada vez mais frequente, o que é preocupante, pois o que deveria ser de caráter excepcional está caindo na normalidade. No Brasil essa realidade é tão comum que existem inúmeras associações que tem como propósito integrar e ajudar mães que criam seus filhos com a ausência do pai, como é o caso da AMAS – Associação das Mães Solteiras do Brasil, e da ABMSOL – Associação Brasileira de Apoio às Mães Solteiras e Famílias Uniparentais.

Uma família para ser configurada saudavelmente necessita que os integrantes demarcem seu lugar, ou seja, “é a capacidade de cada um conquistar o seu lugar que nomeará os integrantes de uma relação.” (SILVEIRA, 1998). Devido a isto, não é a carga genética que fará do genitor um pai, pois nem todo pai consegue estabelecer uma relação com seu filho em que seja demarcada a função paterna.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Sena e Farias (2010), a formação da subjetividade da criança se constitui através de sua relação com a mãe e com o pai. Dentro do núcleo familiar, cada criança aprende a distinguir e apontar sua função e a dos seus pais. O pai, por sua vez, transmite a lei e as primeiras regras necessárias para a inserção da criança na cultura.

Sabe-se, portanto, que é preciso que a função paterna opere, pois se torna estruturante para o sujeito. No entanto, salienta-se que não é apenas dessa maneira que o pai opera, cabendo a ele também a conquista do filho, a transmissão de afetividade, momentos de lazer, enfim, é fundamental que na sua função de paternidade esteja impressa além da lei interdita, o amor, atenção e dedicação que todo sujeito precisa para se estruturar saudavelmente. Ou seja, para amar, basta estar em presença.

Ressalta-se que para a psicanálise o exercício da função paterna não depende exclusivamente do pai biológico, muitas vezes outra pessoa – seja um avô, um tio, ou até uma pessoa do gênero feminino – poderá vir exercer esta função. Nos dias atuais, é observado que os pais estão cada vez mais ausentes nas relações familiares, fazendo com que se configure a falência da função paterna, que não diz respeito apenas aos casos em que os pais estão ausentes fisicamente, perpassam também aos casos em que os pais se fazem presentes fisicamente, mas demarcam sua ausência psicológica.

O caminho para uma relação saudável e os trilhos de uma vida estruturada enquanto sujeito se mostra fácil e linear, não tem mistério! Misture amor e acrescente limites que o resultado dessa receita será delicioso. Na teoria torna-se simples e objetivo, no entanto, na vida diária acontecem muitos atropelos, ou por ingredientes demais, ou por falta deles, o que resulta num universo pautado de carências e desamparos.

É devido à ausência que surgem as recompensas por parte dos pais e, com isso, se instala no jovem a sensação de desamparo afetivo e abandono que sabiamente ao afirmar que *ser pai não é ser cartão de crédito*, o adolescente revela sua insatisfação e fragilidade do lugar ocupado pelo pai.

Em sua obra denominada *A formação do símbolo na criança*, em 1945, Piaget iniciou seus estudos sobre as relações existentes entre afetividade e inteligência e concluiu que as duas estão indissociadas e integradas no desenvolvimento psicológico e que não é possível ter



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

duas psicologias, uma sobre afetividade, outra sobre inteligência para que se possam explicar os comportamentos. (SOUZA *In* ARANTES, 2003).

É válido salientar que de acordo com Piaget a afetividade não envolve apenas os sentimentos e emoções, abrange também as tendências e a vontade. Goulart (2011) aponta que a evolução da afetividade se dá de um estado de não diferenciação entre o eu e o mundo para um processo diferenciado onde ocorrem as trocas entre o eu e as pessoas – sentimentos interindividuais – e o eu e as coisas – interesses diversos.

Devido sua preocupação com a educação, Henri Wallon elaborou uma teoria sobre o desenvolvimento humano. Dourado, Pradini (2002) definem a teoria como psicogenética essencialmente sociocultural e relativista, com forte lastro orgânico, isto é, Wallon valoriza a pessoa completa e integrada ao meio em que está inserida, com seus aspectos afetivo, cognitivo e motor juntamente integrados. É observado que a afetividade, juntamente com outras dimensões de desenvolvimento, ganha sustentação na teoria walloniana. A afetividade se mostra presente, junto com a dimensão motora, na construção das funções psicológicas superiores.

Segundo Mahoney; Almeida (2005), a teoria aborda a evolução da afetividade que seria composta pela emoção, sentimento e paixão, resultantes dos fatores orgânicos e sociais. Dito isso, afetividade se refere à capacidade e disposição do ser humano ser afetado pelo mundo interno e externo através das sensações agradáveis e desagradáveis.

Imbricados na afetividade ou na falta dela os jovens são inseridos em outros meios de socialização, além da família, e entrarão em contato com seus pares e com possíveis figuras de referência. A discussão agora será pautada na afetividade da função paterna e sua repercussão na instituição escolar, pois acredita-se que a escola é um dos espaços que são viabilizados diversos tipos de relações, uma vez que, cada pessoa vem carregada de valores e crenças familiares distintas e ao entrar em contato com o outro, os jovens passarão a aprender a lidar com o igual e com o diferente, no entanto, muitas vezes o caminho que leva à esta aprendizagem é permeado por alguns impasses.

A violência nas escolas, a falta de respeito com professores, dificuldades com limites, os incidentes de bullying, vem assolando o cotidiano nas escolas fazendo com que essas



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

temáticas ganhem páginas de jornais e destaques em noticiários. Questões como essas merecem ser olhadas com maior cuidado e precisam ser pensadas o porquê do aumento gritante destes fenômenos.

Mas, o que isso tem a ver com afetividade e com as relações paternas?

As questões levantadas permeiam as relações familiares que segundo Cervený, Berthoud (2004) a família “[...] opera de acordo com certos princípios básicos e que evolui no seu desenvolvimento, de um modo particular e complexo determinado por inúmeros fatores [...]” (p. 17).

Burdon *In* Silveira (1998) vem acrescentar que a qualidade do exercício de paternidade está relacionada com as competências a serem desenvolvidas pelos filhos e o controle imposto pelo pai pode vir a contribuir com o desenvolvimento da confiança e segurança do sujeito; acrescenta-se ainda que a falta de atenção e cuidados paternos podem estar relacionadas com níveis baixos de autoestima e autocontrole, com diminuta competência social e habilidades fragilizadas.

Em meio a diversas desestruturas, os jovens vão se desenvolvendo com suas identificações estabelecidas através das relações interpessoais muitas vezes frágeis e privadas de afeto. A função de pai inexistente, ou pela falta concreta e abandono ou pela fragilidade de pais substitutos, podem impossibilitar que o sujeito internalize valores éticos e morais que venham a orientar sua escolha de atitudes que não comprometam seu desenvolvimento enquanto pessoa. (MUZA *In* SILVEIRA, 1998).

Ainda de acordo com as ideias de Muza *In* Silveira (1998), crianças que não conviveram com a presença de um pai, poderão quando jovens enfrentar problemas de identificação sexual, dificuldades no reconhecimento de limites e de apreender regras de convivência social, além de apresentar dificuldades na internalização de um pai simbólico representando a instância moral do sujeito. A falta do pai poderá repercutir em dificuldades no exercício e na obediência da autoridade na relação com o outro, provocando com isso, obstáculos na superação e na capacidade de enfrentar conflitos, na falta de rigidez nas escolhas, como também, possibilidades de envolvimento com drogas, prostituição, atos infracionais e delinquência.





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por haver consequências na vida dos jovens que não tiveram acesso ao exercício da função paterna, algumas repercussões afetam diretamente no ambiente escolar, por exemplo, o jovem que incessantemente teima em não respeitar as figuras de autoridade em sala de aula. Jovens que cada vez mais precocemente mergulham no universo do alcoolismo e drogas e acabam influenciando colegas e fazendo uso no ambiente escolar; o não respeito às regras, seja de forma sutil como o não uso do fardamento completo, seja no desrespeito e não cumprimento das regras causando problemas mais sérios. Alunos que costumeiramente se envolvem em episódios de agressões, com colegas e até professores; jovens que apresentam dificuldades na identificação sexual e viram alvos de chacotas. Esses são apenas alguns fatos que vêm tomando conta da realidade escolar cotidianamente e que de acordo com os autores citados, apresentam relação direta com a ausência e fragilidade da figura paterna.

É de amor, cuidado e orientação que, portanto, os jovens precisam. Serem olhados com afeto, tocados com afeto e educados na afetividade para que não haja reprodução de apelos como o do jovem adolescente ao dizer que *ser pai não é ser cartão de crédito!* É preciso que os pais passem a se incomodar - uma vez que se acredita que o incômodo pode vir a mobilizar o senso de responsabilidade - e se dar conta que são figuras de referências para seus filhos e que suas crianças precisam e pedem por meio de carências, fragilidades e transgressões mais que suas presenças físicas, pedem e clamam por limites, rogam por pais!

É através do sentir que se conquista a possibilidade de interagir de modo verdadeiro e, com isso, produzir mudanças. É preciso que os pais, figuras de referências e profissionais do âmbito escolar que lidam com adolescentes, coloquem-se no lugar do jovem, cheguem junto à sua realidade e entrem em contato com seu sofrimento para, ao senti-lo, tentar juntamente com ele qualquer possibilidade de mudança. A parceria entre afetividade e verdade possibilita a transfiguração do comportamento.

Ao entrar em contato com o outro, seja ele qual for, é preciso que a atuação seja permeada pela via do afeto, para que se construa a base para futuros adultos seguros e confiantes de si. É necessário saber também que nas relações, principalmente nas relações parentais, o exercício do amor é fundamental e que questões materiais não são primordiais nem para os jovens, nem para a educação dos mesmos.





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sabe-se da limitação deste estudo, porém é esperado que o mesmo possa proporcionar esclarecimentos sobre o assunto aos psicólogos, pedagogos e professores, mais que isso, aos profissionais que estão inseridos no processo educacional e aos que lidam direta ou indiretamente com o fascinante mundo dos adolescentes e da educação.

### CONCLUSÃO

Durante o percurso da pesquisa buscou-se respostas para as inquietações que mobilizaram o acontecer deste estudo. Ao questionar “o que querem os jovens?”, percebeu-se que o adolescente autor da frase emblema da pesquisa “*ser pai não é ser cartão de crédito!*” pode traduzir de maneira metafórica o que de fato clamam os jovens: presença afetiva. Além disso, o jovem revela a desestrutura que muitas famílias contemporâneas estão vivenciando, dentre elas: a carência afetiva, a supervalorização das questões materiais na educação dos filhos e a ausência da presença e da função paterna.

Foi percebido que a falta de afetividade vem afligindo boa parte dos jovens, fato este que repercute de forma direta no cotidiano escolar representado pelos afrontamentos de estudantes a professores, transgressões de diversas instâncias, crescimento do bullying e cyberbullying, falta de segurança nas decisões, dificuldade de socialização, dentre outras.

Foi foco de reflexões as repercussões que a afetividade paterna, ou a falta dela, pode causar na vida escolar dos adolescentes e verificou-se que os pais têm muito a ver com a performance escolar dos filhos. No entanto, salienta-se que as problemáticas aqui mencionadas compõem apenas uma vertente do existir humano, é válido lembrar que tantas outras esferas da vida do sujeito podem ser também fortemente afetadas favorecendo, com isso, maior comprometimento do jovem.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## REFERÊNCIAS

Aberastury A. Adolescência. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1983.

Aberastury A, Knobel M, & Cols. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

Burdon B. Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? *In* Silveira P. Exercício de paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

Calligaris C. A adolescência. São Paulo: Publifolha; 2011.

Cervený CMO, Berthoud CME. Visitando a família ao longo do ciclo vital. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.

Dourado ICP, Pradini RAR. Henri Wallon: psicologia e educação. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*. 2002; (5): 23-31. DOI [http://fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/110/128](http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/110/128).

Erikson E. Identidade, juventude e crise. Rio De Janeiro: Zahar; 1972.

Goulart BI. Piaget: experiências básicas para utilização do professor. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.

Mahoney AA, Almeida LR. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*. 2005; (20): 11-30. DOI [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso)

Muza GM. Da proteção generosa à vítima do vazio. *In* Silveira P. Exercício de paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

Nasio JD. Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Zahar; 2011.

Oliveira MCS, Camilo AA. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas em Psicologia da SBP*. 2003; 11 (1): 61-75. DOI: [http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06\\_t.pdf](http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06_t.pdf)

Sena IJ, Farias MLSO. Função paterna e adolescência em suas relações com a violência escolar. *Rev. Mal-Estar e Subj*. 2010; 10 (1): 111-136. DOI [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000100006&script=sci_arttext)



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Silveira P. Exercício de paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

Souza MTCC. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. *In* Arantes VA. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus; 2003.